

A Inutilidade da Mulher

Pedro Machado

1) Introdução e Conceitos:

Sinto-me estranho; sim, estranho. Não colho, contudo, a estranheza daqueles que inveniam novas terras, novos continentes, quem sabe; mas, precisamente, o contrário: tenho a estranheza daqueles que vão tão longe, tão longe, que ao chegarem na borda do mundo se deparam na longinquidade da sua sala de estar. O nosso *Fiddler Greens*¹ já sentiu coisa semelhante, ao falar do ridículo que é alcançar uma “nova” ilha... apenas para encontrar-se na Britânia, aos pés do Big Ben e à porta de um *pub*. Não faço, pois, ineditismo, desde que não há nada de novo naquilo que é velho, assim como não há nada de obscuro no que ocorre às claras. Apenas digo com termos bonitinhos e rebuscados o que, com simplicidade, de alguma forma acusaria uma criança. Paciência.

Pois bem, o que intento: provar que a natureza da mulher é, em especial da perspectiva do homem, precisamente ser inútil. Antes da minha execução - cruel e lenta, de certo - sem julgamento, entre gritos e rasgar de vestes com pompas farisaicas de meus juízes, levanto o punho e peço silêncio. Até o maior dos criminosos merece sua defesa na tribuna, e entre a boca dos pecadores às vezes pode surgir alguma coisa de verdade.

Primeiro, preciso esclarecer: o que chamo de inutilidade? Bom, inutilidade é a característica daquilo que não é útil. Fascinante. E utilidade? Utilidade, a característica daquele bem que pode ser utilizado para se alcançar alguma outra coisa. Dito de forma um pouco mais rococó, trata-se, *do ponto de vista moral*, dos bens morais úteis e dos bens morais honestos ou bens morais apetecíveis.² Os bens morais úteis são aqueles que são utilizados para conseguir outros bens morais; e os bens honestos, assim como os apetecíveis, são aqueles que se buscam por si mesmos; os quais me referirei apenas como bens inúteis. E o que é moral? Moral é a relação dos atos humanos em relação a seu fim, como se exemplificará em pouco. E o

¹ Personagem de ficção criado por Neil Gaiman em “*Sandman*”. O personagem criado é uma cristalina e carinhosa homenagem a G. K. Chesterton.

² “A referida divisão não se estabelece por contrariedades reais, mas, nocionais. — Assim, chama-se propriamente deleitável aquilo que nada tem de desejável, além da deleitação; podendo ser, às vezes, nocivo e desonesto. Útil é chamado aquilo que é desejado, não por si mesmo, mas só enquanto conducente a outra coisa, como p. ex., tomar um remédio amargo. Honesto, por fim, o que é desejado em si mesmo.” Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica: q. 145, art. 6, resp. 2

que é um bem moral, afinal de contas? Um bem moral é um bem que concorre para o cumprimento do fim do homem; quando não concorre, isto é, quando afastou-nos, é imoral. O mesmo se aplica ao uso do adjetivo “moral” ou “imoral” quando analisamos as ações voluntárias do homem.

Nosso Senhor Deus é o bem honestíssimo, porquanto é perseguido pelo seu próprio valor acima de todos os outros bens; fazendo tudo que há empalidecer e tornar-se, perto dEle, apenas pontes para alcançá-Lo, não havendo esses nenhum valor na Sua ausência, tamanha a Sua importância. Enquanto, por outro lado, uma bicicleta, por exemplo, não é desejada pela sua *bicicletaidade*, mas porque é boa para nos levar rapidamente para outro ponto; é, portanto, um bem moral útil.

Não desejo tornar este pequeno ensaio em um tratado moral, tendo em vista que talvez faça mais poesia do que filosofia, pela mesma razão que ponho o místico antes do teólogo - vive aquele precisamente o que raciocina este. Mas para me fazer entender foi inevitável fazer esta pequena limpeza, pois o que desejo é provar neste breve ensaio como que filo-poético de que a mulher é naturalmente inútil: detém a inutilidade dos bens que se perseguem por si mesmos e, não somente, é uma das finalidades do homem em sua ordem natural. Trata-la de forma que não esta, ademais, seria não apenas uma transgressão de leis do âmago do coração tanto do homem quanto da mulher, mas uma franca imoralidade.

2) Para que serve a mulher?

Braços finos e pernas bambas; hormônios fortes com uma cabeça fraca: uma dificuldade de agir na mesma medida que concorre a dificuldade de pensar - comparativamente ao homem.³ Por que uma criatura tão bela e de tão difícil existência foi feita companheira de Adão? Qual a sua finalidade? *Para que serve a mulher?* Para o homem, foram dados os dons naturais necessários para o domínio completo sobre toda a criação de Deus, donde se destacam dois: a força e a inteligência (sendo este último, ao meu ver, um entre-mundos entre o natural e o sobrenatural, mas que cito de qualquer modo). A mulher também possui estes dons, porquanto é fruto da costela da natureza do homem; mas apenas uma costela; não mais; o que indica, ao menos em tom de simbolismo, que não os compartilha da mesma maneira e fração da qual naturalmente participa o homem; por fim, para além deste tipo de osso que encobre o coração, a mulher é criatura diversa, e não apenas um eunuco de saia.

³ “E assim, por essa sujeição, é que a mulher é naturalmente dependente do homem; porque este tem naturalmente maior discricção racional” Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica, q. 92, a. 2, resp. 2

Refiro-me à natureza feminina como todo aquele conjunto de atributos essenciais compartilhados mutuamente com o homem, sim, mas especialmente àqueles que escapam da natureza desse. Pois a mulher, mesmo compartilhando de uma miríade de atributos que o homem, seu parceiro, detém - apesar de em intensidades diferentes -, possui ela tantos outros que aquele não possui, os quais foram acrescentados por Deus a fim de diferenciá-la substancialmente (e aqui uso antes linguagem poética do que filosófica) de seu predecessor. É esta natureza diferente e específica ao homem a que me refiro neste ensaio. E dentre estes diferenciais que ela possui, aprofundo-me, neste texto, em sua pomposa inutilidade.

E para a mulher, qual dom natural - ao menos imediatamente perceptível - que lhe foi dado ao ser retirado das costelas para à vida? A *beleza*. Homem, forte, prático. A mulher, bela, fecunda. Enquanto a força esmaga e a inteligência penetra, a beleza... a beleza *se* penetra, *se* contempla, *se* embebe. Perceba: a atividade de um é perfeitamente respondida pela passividade de outra e enquanto um realiza um movimento para fora, a outra realiza para dentro: um atrair-se e um como que estender-se sobre a criação, por parte do feminino e do masculino, respectivamente. Um atrair *os que estão fora para perto*, para dentro, para o âmago, e um estender-se das potências, dos movimentos, dos anseios *que estão dentro para fora*, para o infinito, para todo o orbe, se possível for. Duas forças criadoras, opostas, fecundas. Por fim, o simbolismo etéreo que envolve os sexos imanentiza-se, naturaliza-se, materializa-se; e a beleza que antes era como que tocada em pensamentos é, por fim, tocada e penetrada fisicamente; o transcendental dá lugar ao natural-físico, e ocorre a relação sexual. O simbolismo de invadir e ser invadido, como que por um milagre da criação, de fato se repete na carne e nos ossos.

E para que serve a beleza da mulher? É uma beleza tão útil quanto o... vislumbrar da Laguna de Los Tres... o ouvir dos cânticos de Marco Frisina... ou o sentir abraçar-se pela presença de Deus - e não à toa, o Belo é uma das formas de Deus se fazer presente de forma mais intensa na realidade; e menos à toa ainda que justamente ao sexo belo, entre às virgens, a presença de Deus é feita de modo especial em seu corpo imaculado - beleza, pureza e divindade convertem-se entre si, numa realidade plenamente humana e divina e feminal. Não obstante a mulher ser naturalmente passiva em todas as coisas, até em seu maior dos dons também há de ser passiva: pois o dom da beleza é apenas recebido, e não criado; diferentemente dos braços másculos, que podem ser decerto dados, mas não se fomentam por si mesmos, assim como a ciência, o saber; etc. Forma-se, pois, entre os sexos, em alguma medida, uma dicotomia entre receber e esforçar-se. Sem retirar

o mérito daquele que naturalmente recebe, por diversas razões⁴, a começar pela lembrança da Mãe de Deus.

O ponto a ser feito aqui é, pois, que às mulheres não fora dado nenhum dom especial à sua natureza que lhes permitisse ser imediatamente úteis, pois o que lhes foi dado é inútil por si mesmo. A beleza (que é a formosura natural por excelência) ou o Belo (que é o dom divino transcendental que decerto é pré-requisito ao primeiro para sequer existir) não são ferramentas para se dominar um país ou construir uma ponte, para se conhecerem as estações ou investigar as estrelas: são dons que são... por si mesmos. A beleza é inútil. E a mulher é toda assim: valorosa por si mesma, e não por qualquer tipo de bem além que dela se possa extrair. E o que, amada minha, poderia te ornar de mais valores do que tu mesma? Acaso sou um empregado que espera um salário, ou um súdito que de rei espera fortunas? Não: sou um escravo; cuja servidão não tem fim, mas cujo começo há de ser perpetuamente meu amor por você.

Ela, não se dando por satisfeita, como que por uma última e insensata ousadia, decide por dar a luz a outros seres, pequenos, estultos e similares materialmente a ela mesma. Desejando rir-se do homem que a teria de dominar *post peccatum*, não só jacta-se de ser carregada (compraz-se, é verdade, com a mera ideia, quem dirá com a plena execução - não negues! -), como que também sente maligno prazer em cumulá-lo de filhos, os quais, inutilidade das inutilidades, também não podem ser tratados como bens úteis (em despeito do Auxílio Brasil, com todo respeito ao Auxílio Brasil), mas, antes, são pesadas cargas que, paradoxalmente, acabam por levar o homem a perfeita felicidade na Terra. O milagre do gênero feminino é a multiplicação de responsabilidades e de alegrias na vida de quem o detém em seu lar.

E é bom que assim seja: que da mulher não se encontrem bens úteis, mas bens inúteis, apenas. Há de se falar em verdadeiro amor quando se espera um soldo? A natureza da mulher é tal que engendra a paixão mesmo que dela nada se extraia: a não ser o prazer da servidão. Quanto prejuízo não dá o amor!; dir-se-ia, caso os bens que se despendem a agradar a amada não

⁴ Alice von Hildebrand, em "O Privilégio de Ser Mulher", escreveu um parágrafo bem interessante sobre isso: "Outro grande dom que Deus deu à natureza feminina foi o dom da receptividade. Ele não deve ser confundido com passividade, como fez Aristóteles ao afirmar que o homem é superior à mulher porque ele é 'ativo', ao passo que ela é 'passiva'. A passividade é claramente inferior à atividade, pois é a posição daquele que é mero 'objeto da ação'. Mas isso não se dá com a receptividade, porque esta implica uma prontidão vívida, desperta e alegre de ser gerada por outra pessoa ou por um belo objeto. (...) As mulheres se sentem à vontade nessa receptividade e são receptivas com muita graça e desenvoltura: isso já estava inscrito em sua natureza biológica. Uma mulher que se dá a seu marido, aceita com alegria ser fecundada, aceita receber. Sua receptividade é uma auto-doação." (Pág 76; CEDET; Editora Ecclesiae; 1 Edição)

fossem nada comparados com o preço da felicidade.⁵ E que engenhosidade perfeita não foi a de Deus, ao fazer aqui na Terra um amor que dele nada se recebe a não ser a graça de amar? Por isso, digo: a mulher não é útil, pois é na inutilidade que se encontra o perfeito amor. E Deus, ao dar o dom da beleza às mulheres, deu capacidade aos homens de as desejarem exatamente pelo que são; porquanto “desejar algo por sua beleza é desejar esse algo, e *não querer fazer algo com ele*”⁶. Ou seja: desejar uma mulher por que ela é bela é desejar a própria mulher, e não por algo que está além dela ou à parte mesmo. Não é, pois, fútil, que as mulheres dediquem-se a cultivar a própria beleza, assim como não é razoável que sintam-se tristes, desoladas, porque são desejadas precisamente (ou acima de outras coisas) porque são belas: pois ao serem desejadas por sua beleza, *são desejadas por si mesmas*, e não por outra coisa.

A mulher - do ponto de vista do homem- serve precisamente para nada. E aí jaz o seu inestimável valor.

3) A Mulher Como Finalidade

3.1) Qual é a finalidade do homem?

Deus, sendo o Bem Supremo, o único plenamente capaz de engendrar a perfeita felicidade - precisamente por ser o único bem ao qual, possuindo-O, não há necessidade de nenhum outro mais, que é a definição de felicidade objetivamente considerada⁷ - e, sendo o fim do homem obter a felicidade, logo, conclui-se que o fim último do homem é possuir a Deus.⁸

Nada mais, porque seria impossível, e nada menos, pois estaria aquém da nossa natureza, que isso. Eis o tamanho do vazio que nos há no peito: o vazio do tamanho de uma Hóstia.

Desta forma, decorre que todos os bens físicos, mentais e espirituais que angariamos em nossas vidas, para serem bem ordenados, precisam ser

⁵ Provérbios 18;22 : “*Quem encontra uma mulher, encontra a felicidade. Recebeu uma benção de Deus, o Senhor.*”

⁶ Roger Scruton, em “Beleza”, página 20 (2013, É Realizações Editora, ISBN 978-85-8033-145-5)

⁷ “*Ora, trata-se de um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. E é realmente o bem supremo, que contém em si mesmo todos os bens: se apenas um lhe faltasse, ele não poderia ser o bem supremo, pois fora dele haveria algo ainda a ser desejado. É claro, portanto, que a [verdadeira] felicidade é um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens.*” Boécio, em A Consolação da Filosofia; Livro III.3

⁸ “*Agora, o verdadeiro fim do homem enquanto homem é, conforme provado mais acima, DEUS ENQUANTO É POSSUÍDO, possessão através da qual o homem é feito perfeitamente feliz.*” grifos do próprio autor, Pe. Austin Woodbury; Fundamentos da Moral; Capítulo 3, 26, F, b.

pesados, hierarquizados e buscados, tendo em vista a finalidade do gênero humano como um todo e as circunstâncias pessoais de cada indivíduo.

Para não soar que estou falando grego: todos os homens, por serem homens, precisam, num primeiro momento, aceitar que o que buscam é alcançar a Deus, pois apenas Deus pode saciar plenamente o coração de Adão. Em segundo lugar, é preciso entender que, nascendo os homens em lugares, momentos, necessidades, contextos, corpos e almas diferentes – cada um único à sua maneira – é natural que os meios, isto é, os *caminhos* para alcançar à nossa Suma Finalidade também sejam distintos entre si. Distinção entre as formas de existir entre os homens que bem podemos chamar de *vocação*.

Por sua vez, se a finalidade do homem é dada pela sua natureza genérica, a qual não é renunciável, e o caminho para alcançá-la é dado pelo seu contexto particular, também a sua busca pela finalidade será frustrada se ele opta por romper com o que ele é individualmente considerado: “*Eu sou eu e a minha circunstância; e se não salvo a ela, não me salvo eu*”⁹. Buscar outra via que não aquela criada pela circunstância humana particular, que envolve desde alguma deformidade no pé até algum dom indelével na alma é, em primeira análise, romper com a seu próprio eu e, em última, romper com a própria razão de vir a ser. Todos os caminhos levam a Roma, e todos os caminhos são trilhados apenas uma vez.

3.2) Breve esquema hierárquico entre finalidades

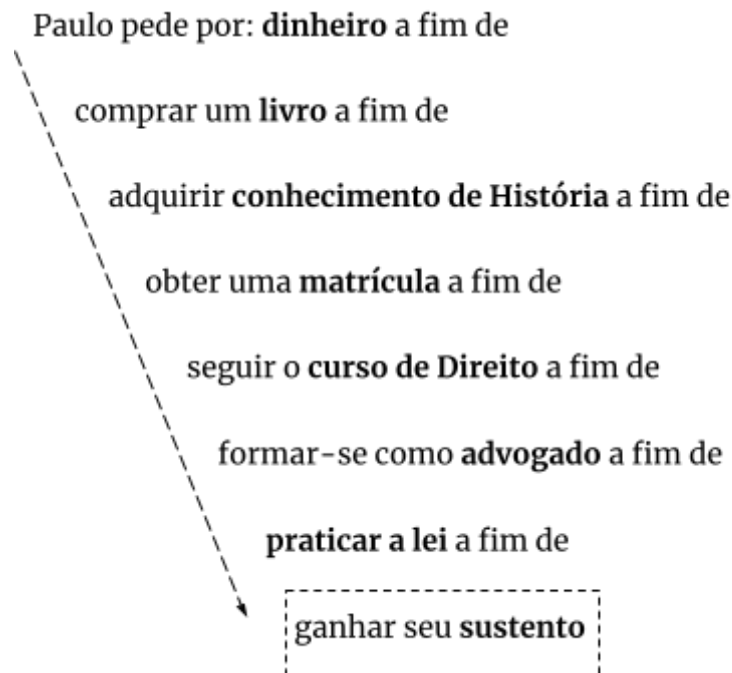
Em primeiro lugar, para não ser uma finalidade desordenada, escolhida arbitrariamente pelas paixões, necessariamente deve estar submetida ao Sumo Fim de todos, o que é dizer, sem demora, que nada pode ser procurado ordenadamente se não é uma procura que, ao menos mediatamente, leva-nos ao Criador.

Fim ou finalidade, como coloca padre Austin Woodbury, é “aquilo pelo qual algo *é, faz, ou foi feito*”¹⁰. Logo, há três noções distintas de finalidade, as quais exemplifico. A serra *é*, em vista do cortar madeira; alguém *faz* o movimento de andar a fim de alcançar o seu destino; uma cirurgia *é feita* em razão de restabelecer a saúde de um paciente: cortar madeira, alcançar o destino e o restabelecimento da saúde são fins; a serra, o homem ambulante e o cirurgião são agentes. Em segundo momento, podemos falar que há, entre fins, uma hierarquia lógica entre si, de tal forma que o existir de um

⁹ “*Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo.*” Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, pág. 318

¹⁰ Pe. Austin Woodbury, *Fundamentos da Moral*, Capítulo 1, 1, A, a.

justifica o de outro, em um nexos de finalidades que – se bem ordenado – chega até a Deus. Exemplifico através de um sujeito chamado Paulo, que decide pedir dinheiro a seu amigo¹¹:



Como podemos ver, há um nexos de causalidade entre o primeiro “porque” (comprar o livro) e o último (ganhar seu sustento); e àquele, damos o nome de *finalidade próxima*, e a esse, o de *finalidade remota*.

3.3) A mulher como fim próximo intermediário do homem

E a mulher é o porque do homem... através do amor verdadeiro, a razão pela qual se movem montanhas. Não é ela o porque o homem é; não é ela o porque o homem *foi feito*; mas é o porque o homem *faz*. É verdade, há aqueles que prescindem deste curso por um chamado mais elevado, mais sobrenatural, com o auxílio da graça divina, mas fato é que todos os homens, em sua natureza, tendem a buscar o mesmo fim próximo para dar-lhes, senão norte, complemento à sua existência. A mulher e, especificamente, o maravilhamento causado pelo belo feminino levou, leva e sempre levará o gênero masculino a cumprir aquilo que deve ser feito em si e em seu mundo circundante– desde silenciosas mudanças de vida até a guerra de Tróia.

“Os homens utilizam-se da *imagem da perfeição feminina* para se motivarem” (Jordan Peterson).¹² Uma imagem de perfeição feminina; de

¹¹ O mesmo exemplo utilizado por Pe. Woodbury em seu “Fundamentos da Moral”

¹² Palestra dada por Jordan Peterson no evento “2017 Maps of Meaning Lecture”

belo, de ideal, de algo que valha a pena lutar. Não é difícil de perceber, nestas palavras citadas, o porquê da crise de feminilidade preceder por necessidade a crise de masculinidade não só temporal, mas, também, logicamente: quando as mulheres deixaram de importar, os homens deixaram de fazer - pois perdeu-se a motivação e o critério. Quem quer uma recompensa que nada vale? Do que adianta trabalhar desgraçadamente décadas a fio por míseros tostões e uma penca de dor de cabeça quando não há nada que o justifique? A cruz só é boa quando ela é amada; e a cruz deixou de ser amável: tornou-se feia, rebelde, infiel e ingrata. E os danos do deplorável feminismo, no fim, não se contentaram em apenas destruir gerações inteiras de mulheres, mas de homens. Por fim, com apenas os frouxos a reinar na terra, ruiu-se sociedades inteiras. Se outrora falhou o homem pelo feminino, hoje, cai pela sua mais estridente ausência.

O belo importa. O maravilhamento importa. O amor importa. E, se a mulher não é capaz de ajudar plenamente o homem naquilo que é matéria de homem, pois “nisso o homem pode ser ajudado, mais convenientemente, por outro homem, do que pela mulher”¹³, resta-lhe a última e mais poderosa ferramenta já criada desde o gênesis da existência humana: a própria mulher. “*E isso é algo que as mulheres modernas não entendem sobre os homens; elas não entendem, pelo menos no [mesmo] grau que os homens, (...) que eles fazem de tudo para se ajoelhar perante a eterna imagem do feminino, tentando se fazer dignos [da mulher almejada]; esta é a história do cavalheirismo; [e] é isto que você deveria encorajar em seu parceiro.*” (Jordan Peterson)¹⁴

Não é em equiparar-se fútil e vaidosamente ao varão que está o grande trunfo da auxiliadora do homem, a grande contribuição para a humanidade dos corpos mais valiosos criados por Deus, não, não, não! É precisamente no *fazer-se valer* que está a chave: não só para salvar as mulheres corrompidas pelo torpor de uma falsa liberdade, e, por sua vez, para alcançar o pleno cumprimento da vocação da fêmea enquanto fêmea; mas, também, no resgate dos homens. Quem tira Dante do Inferno não é Virgílio: é Beatrice. E a verdadeira renovação de nossa civilização não se dará através de armas e tanques. A revolução real no campo da ordem natural, a mais radical que poderá haver, será silenciosa; bela; doméstica. E, por fim, extremamente feminina.

¹³ Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica, q. 92, a. 1, solutio.

¹⁴ Novamente, palestra dada por Jordan Peterson no evento “2017 Maps of Meaning Lecture”

4) A Natureza Objetiva da Mulher em Relação à Perspectiva Subjetiva do Homem:

As conclusões que aqui constam não são somente subjetivas (do ponto de vista do homem), mas, também, são eminentemente objetivas (sobre o que é a mulher em si).

Sim, elas se baseiam do ponto de vista de uma pessoa, o ser masculino; *mas a natureza da mulher se dá em relação ao homem, não podendo se desvencilhar deste*. A mulher veio do homem (causa material)¹⁵ e sua finalidade é servir ao homem (causa final).¹⁶ Por sua vez, se sabemos que o valor de algo se dá conforme atinge ou não a sua finalidade¹⁷, e que a finalidade natural da mulher é auxiliar perfeitamente o homem, logo, podemos adequadamente colocar o homem como o critério de perfeição moral da natureza da mulher¹⁸, na medida em que nos é explícito que o auxiliar ao homem lhe é fim próximo para alcançar seu Sumo Bem, que é Deus.

Tudo isso para dizer o que? Para dizer que, sim, é apropriado medir a natureza da mulher a partir da natureza do homem, se feita da forma correta; pois se o servir ao homem é o critério de cumprimento de finalidade da natureza da mulher, é deste critério que podemos afirmar se um indivíduo do sexo feminino anda bem ou se anda mal, se é moral ou se é imoral, se aproxima-se ou afasta-se do seu fim pelo qual veio a ser criada. Em consequência afirmar algo do ponto de vista do homem sobre a natureza da mulher pode ser sim dizer algo sobre a própria natureza da mulher, objetiva e não subjetivamente considerada. É o caso deste artigo. Em parva

¹⁵ Gênesis 2:22: “Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele.”

¹⁶ Gênesis 2:18 : “Então o Senhor Deus declarou: ‘Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda.’ ”

¹⁷ Padre Austin Woodbury, Fundamentos da Moral: “Qualquer coisa que é em razão de um fim é boa na medida em que esse fim é atingido, e ruim na medida em que não é atingido.” Capt. 3, art. 1, 26.A

¹⁸ Não desejo discutir detalhadamente o mérito sobre aquelas que, *por meio da graça sobrenatural*, superam a própria natureza humana para cumprir vocações mais elevadas; contudo, pela própria palavra (*sobre+natural*), podemos ver que pisamos num terreno extraordinário, que foge a própria natureza das coisas e alcança o terreno da graça superabundante - *o que não é o escopo deste artigo*. Mas, como quem não quer nada, ponho apenas uma indagação: as belíssimas e castíssimas celibatárias não servem também elas a um Homem? Sim, um Homem. E não qualquer homem. Mas *o Homem*. São esposas de Deus e, ainda neste campo, não contradizem a natureza que estou a descrever, pois esposaram a Deus-Homem. As pessoas de vocação mais nobre não são, pois, nem anomalia, nem contradição. *O fato de haver celibatárias não exclui em momento algum que a finalidade primordial da mulher é servir o homem*. Apenas há que algumas mulheres servem a um Esposo que não morre.

conclusão, o que quero dizer é: se a mulher é bem moral inútil *da perspectiva do homem*, a sua natureza é também inútil *em si mesma, em certo sentido*; desde que a essência daquela se dá em estrita relação a esse.

Vou me focar em outro aspecto sorrateiramente abordado no parágrafo anterior: a imoralidade. A imoralidade provém de não ser o que deveria ser. O que somos nós, senão santos falhos? As mulheres, por sua vez, ao repelirem a sua própria natureza com vãs propósitos, são incontornável e condenavelmente imorais, pois jogam fora aquilo que são e que deveriam fazer em busca daquilo que não são e não deveriam fazer. Fogem do eu, saem do caminho para Roma, e alcançam uma incipiente disforia de gênero. E o que deve ser e fazer a mulher, para os gritos dos demônios? *Ser finalidade digna do homem* em primeiro, que aqui defendo com unhas e dentes, a qual é a atividade mais passiva que pode ser empreendida pela mulher, e, por isso mesmo, puto ser a mais feminina. E, de forma mais ativa, auxiliá-lo das formas que lhe são próprias de sua estirpe, de maneira que varão algum pode fazer.

E é com base nesta realidade existencial, e somente nela, que todo o esforço feminino deve ser desempenhado.

Não “em paralelo a”, não “com referência a”, não “levando em conta de”, mas *sobre, a partir de, fundado em!* Para trás os embustes do feminismo ateu! Para trás os embustes do feminismo estéril! Mulher, aceita quem tu és! Não escondas o teu talento debaixo da terra, pois não és homem, és mulher! O que fazes com a prata que te foi dada? Escondes sobre a terra, pensando não ser contigo a vocação que te foi dada, a vocação de ser belamente, cristãmente, virilmente mulher! A única coisa que eu não disse neste ensaio é que as mulheres não são capazes de criar. Mas que sua criação parta não a despeito da forma com que nasceram, mas justamente *a partir desta*.

Uma mulher extremamente competente pode ser desejada por seu chefe como um bem moral útil para o crescimento de sua empreiteira; afinal, quantas não são as laboriosas no mercado? Contudo, neste instante – e este é o ponto fulcral – esta honrada senhora não é desejada por ser quem é: é desejada por ser um útil par de pernas e braços, em despeito ou mesmo contrariamente às condições que Deus lhe criou: no fundo, é desejada pelas características compartilhadas genericamente com o homem (as quais detém via de regra em menor intensidade), e não pelo que a faz verdadeiramente única, especial, *feminina*, no plano da criação.

As mulheres são capazes de criar. Mas o deveriam fazer não em paralelo com quem são, com o seu fim, mas em *identidade* com a sua própria substância. Com criação, refiro-me a tudo aquilo que vá para além da própria mulher, que saia dela (diferentemente de sua beleza, por exemplo, que é a própria mulher em seu conjunto). Destrincharei este tema a seguir.

Qual é o primeiro auxílio da mulher, o mais conforme a sua essência e aquele que macho algum pode realizar? A geração da vida. Este é o auxílio número um.¹⁹ Muito além de formar carne e ossos faz a mãe: forma ela a alma e o espírito, o intelecto e a razão, a beleza e a força dos filhos do homem; não somente empresta o seu corpo, o seu leite, e mesmo a sua face, que se espelha no rosto daqueles a quem gerou, daqueles a quem deu a luz da própria vida que outrora recebeu ela de Deus também: empresta também a sua alma. Muito antes de dar qualquer coisa, sendo meio, a mãe *se dá*, sendo ela própria o objeto primordial de sua doação. Beiramos aqui ao inefável; aproximamo-nos do místico que viveu Jesus e Maria, e que também vivem hoje as mães e as crias do nosso tempo. E para as mulheres que desejam criar: não é esta a senda mais nobre, mais luminosa, mais divina que se poderia conceber? Não vêm a superioridade disto para os artífices inanimados criados pelo homem? Não vêm que mais do que pomposos discursos e agendas, este é o caminho mais perfeito, mais profundo e eficaz de transformar o semblante do mundo à imagem de Deus? És cega - sim, tu! - para ver que apenas por meio de ti e das tuas irmãs de vocação será renovada o orbe terrestre, ou te finges desta forma? Se vês, então sejas!, para que sendo, então faças!

Em segundo lugar, a mulher cria através do homem a quem pertence e que possui. Cria *através* dele, e não *apesar* dele: “*Que importa realizar por si ou pelo marido? Ela deve no entanto realizar, uma vez que é uma só carne com o que realiza.*”²⁰ Tristeza sem tamanho ver como a criatura feminina dos nossos tempos é míope para ver que a realização do marido é também a sua própria realização! Busca as suas conquistas, as suas coisas, os seus interesses, quando muito além dos seus voos mais fantasiosos poderia alcançar se o fizesse através da sua outra própria carne. No fim, este comportamento é, também, fuga da sua própria finalidade de auxílio, que, diabólica que é, só pode gerar a desagregação entre os pares. Não vê ela, inebriada pelo nosso degenerado *zeitgeist*, que, “*Sem precisar de ser intelectual, menos ainda mulher de letras, pode produzir muito ajudando o marido a produzir, obrigando-o a velar sobre si, a dar o máximo de trabalho,*

¹⁹ Suma Teológica, q. 92, art. 1, solutio.

²⁰ A. D. Sertillanges, em *A Vida Intelectual*; Capt. III, (A organização da vida), tópico I (Simplificar); pág. 15, em algumas edições

levantando-o nas horas inevitáveis das quedas, animando-o nos dissabores sem lhos acentuar com demasiada insistência, acalmando-lhe as penas, sendo a sua recompensa após o trabalho”²¹. Ressalte-se, para que não passe batido, como o último dos exemplos possui identidade aritmética com a categorização explicitada neste artigo, do feminino como razão pela qual o homem faz. Fato este que leva-me a frisar: mulher; tu também crias quando vales. Pois então valhas!

Em terceiro momento, gostaria de falar especificamente sobre... o “resto”. Sim, o resto. Todas as coisas que vêm depois das duas precedentes, mais a necessidade vital da busca pelo enriquecer-se a si mesma. Coloco-a neste campo, pois tenho como cristalina que esta é a hierarquia ordenada de como as coisas devem ser. Não por mero arbítrio, mas, antes, porque saímos daquilo que é mais perfeitamente feminino e menos masculino, do que é mais inútil (na acepção moral) e menos prático, para, agora, alcançarmos os níveis exteriores da nossa “cebola”: para aquelas coisas que mais se afastam da finalidade própria e originalmente desenhada pela Providência.

Reafirmo e explico: não há problema algum no poder criativo das varoas, isto é, o realizar coisas que ultrapassam a sua própria existência e, agora entrando nesta terceira parte, nas coisas que não dizem imediatamente respeito à servidão ao homem. Apenas ponho que, pelo nosso encadeamento lógico feito até aqui, não se pode fugir nem das condições previamente apresentadas, nem, tampouco, “colocar o arado na frente dos bois”, que é precisamente a malícia do pensamento feminista. *Non serviam!*, disse a primeira das diabólicas ninfas: a tentação de servir-se a si mesma para, então, quem sabe, servir a uma outra criatura; a qual pode ser um homem, como pode muito bem ser uma trupe de gatos, como bem parece ser o caso de muitas titias por aí. Mas não é assim que a harpa toca. A finalidade específica e diferencial da mulher é justamente servir a outrem; e esse outrem é primeiramente o homem, secundamente a prole do homem, terceiramente os assuntos concernentes aos dois anteriores e, por fim, não restando mais fazer o naturalmente necessário, abre-se o caminho para a realização moral de todo o resto.

Não ignoro como há altíssimas vocações que em muito superam a condição natural (no fim, toda alma cristã não supera?). Não desconheço inúmeros exemplos históricos que o atestam, assim como tomo conhecimento pessoal de alguns casos particulares de pulsante vocação intelectual que, em muito, supera a turba máscula porém ignara. Apenas pleiteio que essas vocações extraordinárias não germinem apartadas de suas

²¹ Idem

raízes existenciais, circunstanciais, vocacionais; mas, ao contrário, se dêem com a devida ordem que é necessária para todo desenvolvimento nobre, fecundo e luminoso. Por último conselho, que parece partir da prudência mais do que da estrita razão: que a mulher, ao desenvolver uma vocação que ultrapassa os limites da vida doméstica (e, lembrando, que a vida doméstica é o estritamente ingênito desta criatura de Deus, sendo exceção ou mesmo anomalia o contrário), seja no âmbito intelectual, seja em qualquer outro, edifique as suas obras com a consciência viva de fazê-las a partir da sua mais verdadeira essência, partindo da sua experiência enquanto tal. Escreva e erija não como o tal do eunuco de saia, mas como mulher. A mera intenção de agir desta forma será o suficiente para fazer tais obras florescer com a fecundidade do feminino própria de quem o é.

4) Conclusão:

As rosas têm de *ser* para fazer; os cravos, *fazer* para ser.

Se intentei algo nestas páginas, foi o de abrir os olhos para a realidade do imenso valor que as rosas podem angariar por si mesmas, sem necessariamente pôr a mão em qualquer enxada; porquanto, tal como a beleza das flores do jardim, apenas o onírico vislumbrar de meu amor tudo basta para mim. São sabedorias que partem não da “pura” razão, mas da “promíscua” experiência. Daí, construí meu pequeno edifício. Mais: desejei não apenas que as de vermelhas pétalas fossem vistas pelo que elas verdadeiramente são, mas que, essas, por sua vez construam a sua vida com as suas raízes imaculadas e arraigadas na sua própria essência - e que não fossem mal julgadas por isso: por não serem cravos.

Mas, para além do cultivo do belo exterior, como as plantas do jardim, quão muito mais necessário não é, pois, o da beleza interior? A dama não é agradável e feminino porquanto apenas afaga a vista. Antes - bem antes - consiste nas belezas interiores que carrega consigo. “O vosso adorno não seja o enfeite exterior, como as tranças dos cabelos, o uso de jóias de ouro, ou o luxo dos vestidos, mas seja o do íntimo do coração, no incorruptível traje de um espírito manso e tranqüilo, que és, para que permaneçam as coisas.” (Pedro 3:3,4). Em certo sentido, não são as saias que dão beleza às moças e senhoras, mas as senhoras e moças que dão beleza às suas saias. Um vestido trajado vale infinitamente mais do que o vestido despido: vale o que representa do interior da alma de quem o porta. O maravilhamento que os homens sentem ao te deslumbrar bem vestida, rosa, é antes um

aperceber-se de quem tu és por dentro: é descobrir valer a pena uma escravidão de amor por ti.²²

Uma alma morta, apodrecida e enterrada não causa maravilhamento, pois a maravilha é própria do divino, e Deus é Deus de vivos, não de mortos²³. Não cumpre a finalidade feminina de “valer alguma coisa” ser apenas uma maçã podre: reluzente por fora e decadente por dentro. As roupagens, as pinturas, os cuidados, os detalhes... Que não passem eles apenas do desabrochar daquilo que já há no dentro, no íntimo do coração que apenas tu e Ele sabeis qual é. Quem nasceu com vocação de ser mulher, por necessidade existencial, precisa buscar a pureza do coração como se procurasse enroupar-se, envaidecer-se com os pingentes da alma que não podem ser vistos, mas, certamente, apercebidos. No corpo, que se banhe com o perfume da pureza; no pescoço, que ostente a joia da modéstia; aos pés, que calce as sandálias da prudência e da temperança; na cabeça, que se coroe com a tiara da perfeita castidade. E, com tudo isso, para ser bela, verdadeiramente bela, que aja não como se buscasse enamorar homens: busque, com a tua beleza, apaixonar o próprio Deus.

No fim deste pequeno testamento, disse tudo que me restava testemunhar sobre cravos e rosas, e descanso a minha pena. Sendo sincero, tudo o que eu disse, durante este tópico, senão mesmo no artigo inteiro, tem alguma natureza de obviedade. Todo o resto é névoa nos olhos causada por quatro revoluções industriais e três revoluções feminocêntricas. No fim, se fiz boa filosofia? Desconheço. Se fiz má poesia? Não sei. Julgai como aprover se sou digno de morte lenta e cruel. Peço apenas que perdoai. Sou poeta menor.

²² Não é científico nem geométrico, mas já reparou como pessoas com a alma corrompida tendem, quanto mais a fundam na própria miséria, não apenas que perdem o brilho do Belo (atributo de Deus, lembra-te) no seu próprio jeito de se vestir, mas, também, como tudo que lhes pertence – seu quarto, sua casa, seu local de trabalho e até suas preferências musicais – também decai? Tenho por impossível que um demônio consiga se travestir por anjo de luz por muito tempo, e todos nós conhecemos casos famosos e obscuros dos pobres que se transformaram neste exemplo. É necessário que seu natural corrompa-se conforme perde seu sobrenatural, o Espírito de Deus. Ao contrário, também tenho que, igualmente impossível, seria impossível uma criatura santamente virtuosa deixar que isso se apercebe naquilo que lhe pertence: a começar pelo próprio corpo e as próprias roupas.

²³ Lucas 20:38